

ARTIGO

AS FORMAS DE IMAGINAÇÃO

Rogério Lima

Especial para o **Correio**

A leitura dos textos que narram as cidades e a vida cotidiana nelas vividas é uma espécie de leitura de fragmentos de mapas da cidade, é sempre a leitura de uma virtualidade, de problemas e problematizações que essas cidades apresentam. Cada texto apresenta um fragmento de uma determinada cidade, que somente a leitura é capaz de juntar e somente a partir da leitura é possível construir um sentido para esses estilhaços de cidade, disseminados nos discursos narrativos urbanos. Eles presentificam formas realizadas de imaginação da(s) cidade(s), as diversas maneiras como elas se entrecruzam em realizações literárias e/ou em outras semióticas narrativas, tão diversas e ao mesmo tempo tão iguais.

Essa fragmentação do que classifico como mapas textuais carrega consigo a vontade de compreender as tensões enfrentadas e retratadas pelas narrativas urbanas e seus narradores. Os narradores da cidade vivem em constante tensão com o espaço narrado, algumas vezes, chegam mesmo a não compreender o que se passa ao seu lado, pois as transformações são de tal forma vertiginosas, velozes e brutais que mal há tempo para acompanhá-las. Mas, mesmo diante de tanta adversidade, o universo literário produz sua geografia e seus próprios recortes.

Em A República Mundial das Letras (Estação Liberdade), Pascale Casanova vê as cidades onde se estabelecem e se reúnem os recursos literários como lugares nos quais se funda uma economia literária e conseqüentemente instituições de crédito que fazem movimentar essa economia. "A constituição e o reconhecimento universal de uma capital literária, ou seja, de um lugar para onde convergem ao mesmo tempo a maior crença e o maior prestígio literário, resultam dos efeitos reais produzidos e suscitados por essa crença. Ela existe, portanto, duas vezes nas representações e na realidade dos efeitos mensuráveis que produz." Paris é o grande ícone dessa dualidade. Brasília é uma das cidades que transita nessa dualidade, às vezes não muito confortável. A sua face mais conhecida é a da realidade dos efeitos mensuráveis que produz sobre todo o país, a outra face, menos conhecida, é a da sua representação feita pelos escritores que nela vivem e transitam.

Cidade de "horizonte marítimo", conforme a classificava o lusitanista Almir Bruneti, Brasília provoca em seus escritores representações que evocam reminiscências de outras cidades como expressa o poeta paulista Cassiano Nunes no seu poema Sou de Santos:

(...)

Corri mundo.

Vim parar no Planalto Central
Onde, solitário entre livros,
Contemplo os últimos anos.

Às vezes, à noite,
Me encaminho para o lado

[do Eixo

E me detenho ante os
[terrenos baldios
(amplidão) da Asa Sul.

Ao longe,
Guindastes das construções
Sugerem um cenário de cais...
E o vento me traz com
[o cheiro de sal
o inútil apelo do mar

Em A Cidade e as Plantas, o baiano Hermenegildo Bastos evoca o fantástico da cidade e de seus habitantes:

Tudo aqui tem jeito franco
De sobrenatural
Comércio com o invisível

Prévia cartografia
cabe tudo no Atlas
Os que aqui nascem

Não carecem descortinar
os pontos cardeais

O poeta português Rui Rasquilho, em seu poema Em Brasília na Rodoviária, direciona o seu olhar para a Brasília que pulsa, se agita e se aglomera em seu espaço mais emblemático, onde é possível encontrar fragmentos de multidão e nesgas de vidas que compõem a cidade.

Em Brasília na rodoviária
Encosto-me à lanchonete
[sob chuva tropical
Os homens e as mulheres
[ocupam lugares nos ônibus
Cinzentos violáceos e amarelos
E recuperam nos seus rostos
[cansados

A cor do seu transporte
[colectivo
Por entre os ônibus putas
[e travestis
Movem-se como pássaros
[de aviário
Protegidos do dilúvio pelo
[viaduto dos eixinhos
Trespassados por velocíssi-
[mos automóveis

De Brasília, o maranhense Ronaldo Costa Fernandes olha para todas as cidades a partir do seu poema Anoitecer nas Grandes Cidades.

(...)

Às seis horas da tarde
não é a hora da ave-maria.
É a hora do limbo
Do esconso
da perversão
da licenciosidade dos
[descontos.

(...)

Não há cidade
sem suas seis horas da tarde
Inventadas
para inventar as cidades.

Esse rápido recorte representa uma pequeníssima parcela daqueles que reinventam a cidade de Brasília em cada obra literária nela publicada. Todos esses são olhares estrangeiros sobre uma cidade jovem que procura construir o seu capital e crédito literário em meio a uma economia literária nacional que é por demais polarizada. Todos esses são olhares da cidade que se voltam para si mesmos na busca da invenção de uma imagem que crie significado para cada um de nós.

ROGÉRIO LIMA É PROFESSOR DE LITERATURA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E CO-AUTOR DO LIVRO O IMAGINÁRIO DA CIDADE (EDITORA UnB)